

PRÁTICA EXTENSIONISTA COMO AGENTE PARA MELHOR QUALIFICAÇÃO EM MODELAGEM

Extensionist practice as na agente for best aqualification in modelling

Filgueiras, Araguacy Paixão Almeida; PhD; Universidade Federal do Ceará, araguacy@ufc.br¹
Silveira, Eveline Maria Azevedo; Ma; Universidade Federal do Ceará, veveazevedos@gmail.com²
Miranda, Maria do Socorro de Araújo; Ma; Universidade Federal do Ceará, msarau.miran@ufc.br³

Resumo: Esse trabalho trata do Programa de extensão Colcha de Retalhos e visa apresentar como uma ação extensionista pode requerer mais qualificação das estudantes envolvidas. Assim, foram realizadas oficinas que, na percepção das estudantes, contribuíram para maiores aprendizados, resultando em mais autoconfiança, segurança em ensinar e tirar dúvidas e atender às expectativas das mulheres assistidas pelo programa.

Palavras chave: Projeto de extensão; Colcha de Retalhos; oficina de modelagem.

Abstract: This work deals with the Colcha de Retalhos extension program and aims to present how an extension action can require more qualifications from the students involved. Thus, workshops were held which, in the students' perception, contributed to greater learning, resulting in more self-confidence, confidence in teaching and answering questions and meeting the expectations of the women assisted by the program.

Keywords: Extension project; Colcha de Retalhos; modeling workshop.

Introdução

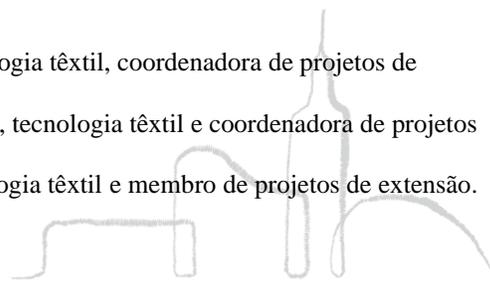
A formação do designer de moda envolve várias áreas de conhecimento bem como amplas possibilidades de atuação profissional.

As experiências vivenciadas durante a graduação configuram um somatório de realizações que refletirão nas competências, habilidades e segurança nas atividades profissionais futuras. O tripé da base orgânica de uma formação acadêmica se baseia no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, aspectos igualmente fundamentais nessa formação (UFC, 2019).

¹ Professora do Curso de Design-Moda – ICA/UFC, área modelagem, ergonomia e tecnologia têxtil, coordenadora de projetos de extensão.

² Professora do Curso de Design-Moda – ICA/UFC, área modelagem, ciência do conforto, tecnologia têxtil e coordenadora de projetos de extensão.

³ Professora do Curso de Design-Moda – ICA/UFC, área modelagem, montagem e tecnologia têxtil e membro de projetos de extensão.



A curricularização da extensão normatizada pela Resolução CNE/CES nº 7/2018 (BRASIL, 2018), que estabelece as diretrizes para a Extensão na Educação Superior, foi implementada a partir do currículo 2023.2 do curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará (UFC). Contudo, as atividades de extensão já eram, desde o ano de 2007, inseridas na carga horária estudantil e estimulada a participação dos discentes por meio das atividades complementares, sejam elas por meio de programas, projetos, cursos ou eventos.

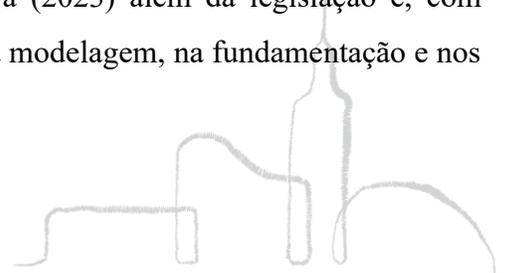
É nesse contexto que o Programa de extensão Colcha de Retalhos desenvolve, desde 2019, formação em modelagem, corte e montagem de peças do vestuário e técnicas de patchwork, com mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica e de violência na periferia de Fortaleza-Ceará.

O processo de seleção do Colcha de Retalhos possibilita identificar as competências e habilidades das discentes candidatas a extensionistas. De modo geral, as bolsistas selecionadas já cursaram disciplinas obrigatórias de Modelagem plana básica feminina e tridimensional, Fibras e fios, Técnicas de montagem industrial e disciplinas de Fundamentos do design e Desenho de moda. Assim, os conhecimentos necessários para participação na ação comunitária já são visíveis no histórico escolar nesse processo. Contudo, durante a atuação junto às mulheres, são requeridos das discentes conhecimentos didáticos e metodológicos ao dar apoio às mulheres, o que requer maior segurança e domínio do conteúdo no sentido de facilitar e potencializar os saberes repassados às mulheres. É importante enfatizar que nem sempre as bolsistas do Colcha de Retalhos, tiveram vivência de monitoria. Desse modo, as coordenadoras do programa sentiram a necessidade de ofertar um curso de modelagem no qual as bolsistas obtivessem mais conhecimento de modelagem plana feminina e avançassem mais no domínio deste conteúdo, tornando-as mais seguras, não apenas para a atual realidade, mas para o seu futuro profissional.

O objetivo geral deste trabalho é demonstrar que ações extensionistas geram demandas de qualificação para a equipe de trabalho e, como objetivo específico, apresentar os resultados da oficina de qualificação em modelagem plana feminina sob a óptica das bolsistas.

De abordagem qualitativa, “[...] um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a problema social ou humano.” (CRESWELL, 2010, p. 26 citado por MOURA; LIMA, 2014, p. 26), a metodologia aplicada compreende pesquisa bibliográfica e narrativa com análise de dados coletados a partir da aplicação de questionário e roda de conversa com as bolsistas. Essa análise “busca compreender o sentido que o grupo social oferece ao fenômeno estudado” (MOURA; LIMA, 2014, p. 24).

Considerando a curricularização da extensão, utilizamos Oliveira (2023) além da legislação e, com autores como Sabrá (2014), Duburg (2012) e Pezzolo (2007), abordamos a modelagem, na fundamentação e nos exercícios práticos.



A avaliação com as estudantes extensionistas apontou fatores positivos como a importância da modelagem na atuação profissional, que a experiência no período de greve nas Universidades públicas permitiu que essas estudantes, de diferentes semestres, praticassem modelagens, desenvolvessem modelos até então desconhecidos e aprimorassem o que já sabiam.

A modelagem na moda e na vida de designers

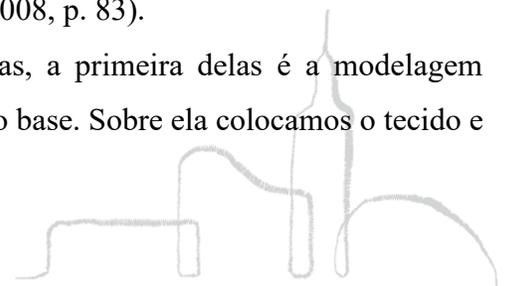
A história da modelagem do vestuário caminha com a história da evolução das peças de roupas no decorrer dos séculos. Observar e estudar como os povos antigos, os modernos e os contemporâneos constroem suas roupas é compreender valores culturais, sociais, políticos e econômicos, além de ser um mergulho sobre os padrões corporais e simbologias de cada época (PEZZOLO, 2007).

Quando estudamos o ciclo de moda, na cadeia produtiva do vestuário, observamos que é essencial realizar diversas pesquisas antes que a modelagem seja executada, pois vários fatores influenciam no desenvolvimento do produto e um dos principais deles é a escolha de matéria-prima: “Através do têxtil, o processo de construção do vestuário poderá propor uma interferência de fibra, fio, armação de tecido ou beneficiamento, influenciando no corte, no caimento, na produção e na forma final do produto, ou seja, alterando a concepção do produto, modelagem até a confecção do vestuário.” (SABRÁ, 2014, p. 16).

Além dos tecidos influenciarem a modelagem, é preciso que o modelista leve em consideração outros fatores importantes no desenvolvimento da sua atividade, pois alguns conceitos como corpo, tabela de medidas, antropometria, ergonomia e conforto são conhecimentos indispensáveis para se desenvolver uma modelagem de qualidade, ou seja, conceitos que fazem diferença na construção da estruturação do vestuário, tanto que Treptow (2003, p. 154). afirma: “a modelagem está para o design de moda, assim como a engenharia está para a arquitetura”. O molde é um dos pontos iniciais para a materialização do projeto em produto de moda.

Contudo, conforme Sanches (2006), vários outros fatores estão envolvidos na concepção de um produto do vestuário com qualidade: planejamento do projeto, escolha apropriada do material utilizado e da tecnologia, do tipo de beneficiamento e considerar fatores que podem requerer melhor adequação ao estilo projetado e, não menos importante, a confecção. É apenas durante o processo de montagem das peças modeladas que são realizados “ajustes nos quais o designer efetua correções, apresentando soluções para problemas de modelagem, de caimento dos tecidos, de costuras e ou de acabamentos” (NAVALON, 2008, p. 83).

Na atualidade há, basicamente, três formas de se modelar roupas, a primeira delas é a modelagem tridimensional ou *moulage*, na qual utilizamos um corpo como instrumento base. Sobre ela colocamos o tecido e



manualmente vamos moldando, dobrando e cortando até que o modelo proposto pelo designer seja materializado (DUBURG, 2012; JONES, 2005).

A segunda forma de modelagem é a plana manual, cujo princípio básico é a construção de um gráfico em forma bidimensional, na qual utilizamos instrumentos como esquadros, réguas retas e curvas, fita métrica e tabela de medidas para a construção em uma base plana, que geralmente é o papel kraft. Aldrich (2014) indica a utilização do manequim junto à modelagem plana para que o resultado possa ser avaliado. Para a construção da tabela de medidas padrão foi realizado estudo antropométrico de vários biotipos de corpos e estabelecidos alguns padrões em escala numérica.

A modelagem plana é a mais indicada para o desenvolvimento de peças de vestuário em escala industrial. Inicialmente é desenvolvida uma base com as medidas de circunferência do corpo humano, retiradas da tabela de medidas padrão. As principais delas, no corpo feminino adulto, são as de busto, de cintura e de quadril. Comumente as bases são feitas com $\frac{1}{4}$ da medida dessa circunferência para a parte da frente e também para as costas, porém os formatos são diferentes principalmente por conta dos volumes e curvaturas, respeitando o formato do corpo humano. As principais bases são de blusa, referente à parte superior, e de saia e calça, referentes à parte inferior do corpo. Sem margens de costura, essas bases são utilizadas para o desenvolvimento dos mais variados modelos de peças, e esse processo é chamado de interpretação da base, ocorrendo com as alterações e adequações conforme o desenho técnico, acrescido de margens de folga e costura, piques e informações necessárias para o corte de uma peça piloto (ALDRICH, 2014; PEZZOLO, 2007).

Considerando o modelo, a interpretação de modelagem inclui, também, traçado de recortes, pences e demais detalhes apresentados no desenho técnico tendo, como premissa, tecido e maquinário disponível (TREPTOW, 2005).

A terceira, e mais atual forma de desenvolvimento de modelagens, é por meio de software a chamada modelagem plana digital. A utilização de equipamentos específicos de modelagem surgiu na década de 1990, conhecidos como CAD/CAM (*Computer Aided Design/Computer Aided Manufacturing*).

O papel do modelista vem ganhando, gradativamente, mais importância dentro do mercado de moda que está cada vez mais concorrido, no qual a modelagem é fator decisivo no produto. Segundo Sabrá (2014), para se tornar um bom modelista, que atenda às expectativas do mercado, é necessário que o profissional preencha alguns pré-requisitos, tais como a compreensão do desenho técnico, conhecimento das propriedades e características dos materiais empregados no produto, domínio do processo de montagem, de acabamentos e beneficiamentos.

Posterior ao desenvolvimento da modelagem, o próximo passo é o corte da peça piloto para serem testados caimento, ergonomia, conforto, segurança e se o design atendeu às expectativas da equipe de estilo. “As especificações dos materiais componentes dos produtos são estabelecidas e testadas na fase desenvolvimento. Por

este motivo, são desenvolvidos protótipos antes das peças definitivas, denominados peça piloto, ensaiando modelagem, matéria-prima, caimento, tempos e métodos de fabricação, dentre outros” (SABRÁ, 2014, p. 71). Em seguida, com a peça piloto aprovada, são feitas as graduações da modelagem e depois o corte do tecido para as peças serem costuradas no setor de montagem.

Observa-se que todo o desenvolvimento de produto de moda precisa passar por etapas primordiais para que seja um produto de qualidade e competitivo no mercado. A profissionalização de todos, que fazem parte do setor, faz diferença com relação ao tempo de desenvolvimento e, conseqüentemente, no valor final do produto.

A extensão universitária na formação do designer de moda

As concepções e práticas de extensão universitária são discutidas há muito tempo conforme afirma Oliveira (2023): a história revela que dentre as universidades modernas, ao menos no século XVII já se tem experiências extensionistas na Universidade de Cambridge. Contudo, a autora considera que com “a polissemia do termo extensão, as influências extensionistas têm se diversificado” (OLIVEIRA, 2023, p. 2).

A Reforma de Córdoba, de 1918, colaborou para a definição conceitual da extensão, mas mesmo agora na atualidade em pleno século 21, Cano Menoni (2015) e Serna (2007) *apud* Oliveira (2023, p. 2) consideram “que as universidades ainda não têm muita clareza sobre a natureza e objetivos da extensão universitária, já que não existe uma definição consensual e única sobre sua natureza”.

Para Oliveira (2023, p. 2), foi a partir da redemocratização do país, na década de 1980, que a extensão universitária começou a ter crescente importância e “alcançou nas normativas legais, consagrada na Constituição Federal no princípio da indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão e nos Planos Nacionais de Educação (PNE) 2001-2011 e 2014-2024”. A presença desta meta no PNE, de inserir a extensão nos currículos dos cursos de graduação, propiciou muitos debates nas instituições de ensino superior (FORPROEX, 2019).

Este processo, que se tornou conhecido com o nome de curricularização da extensão, ou creditação (curricular) da extensão, ou inserção curricular da extensão, estratégia prevista no Plano Nacional de Educação (PNE, 2014-2024), foi instituída no ano de 2017, pelo Ministério da Educação, por meio da Resolução Nº 7 MEC/CNE/CES, de 18 de dezembro de 2018. Tal Resolução instituiu a obrigação da curricularização da extensão na matriz curricular dos cursos de graduação, na forma de componentes curriculares para os cursos, considerando-os em seus aspectos que se vinculam à formação dos discentes, com limite de implantação até dezembro de 2021. A Resolução determina que “as atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos”; e orienta o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) a avaliar,

para efeitos de reconhecimento, renovação de reconhecimento de cursos, bem como para o credenciamento e credenciamento das instituições de ensino superior, de acordo com o Sistema Nacional de Avaliação (SINAES), (BRASIL, 2018).

Com o advento da pandemia do COVID-19, que alterou processos, procedimentos, a vida e as práticas, das pessoas e das instituições, o MEC alterou o prazo, estendendo a implantação da curricularização da extensão até dezembro de 2022 (BRASIL, 2020). Tal determinação normativa fez as instituições de ensino superior refletir sobre sua política e projeto pedagógico e avaliar as ações curriculares e extensionistas.

O corpo docente e o Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Design-Moda da UFC, discutiram paulatina e extensamente o projeto pedagógico, implantando o novo Projeto Pedagógico do Curso (PPC) em agosto de 2023 e, nele, a curricularização da extensão. De uma carga horária de 2912 horas, sendo 2112 referentes às disciplinas obrigatórias e 496 para disciplinas optativas, instituiu-se a carga horária de 304 horas para as práticas extensionistas realizadas ao longo da formação.

Para além de creditar as ações de extensão no histórico do aluno, a curricularização da extensão consiste “em uma nova forma de pensar e ver os componentes curriculares. É o ensino vivenciado e ligado à práxis dos sujeitos envolvidos no processo de formação e às demandas da comunidade” (PEREIRA. VITOTINI, 2019, p. 19). A participação do corpo docente e discente é essencial nas ações de extensão, e nesse processo de curricularização mesmo os docentes que nunca tiveram nenhuma ação extensionista têm participado com projetos e programas de extensão para estimular a participação dos estudantes, como bolsistas e voluntários.

No curso de Design-Moda os projetos de extensão contemplam as seguintes ações: Bolsa Arte Moda, Colcha de Retalhos, Desenhando no Museu, Design Inclusivo – desenvolvimento de calçados para pessoas atingidas pela hanseníase e/ou com diabetes, Empresa Júnior, Figurarte, Intervenção Criativa, LAPEArte – Laboratório de Práticas Experimentais em Arte e Educação Museal, Moda Inclusiva Ceará, Semana Acadêmica de Moda, Um Dia no Museu, Vestir com Emoção e A UFC no Dragão Fashion Brasil. Tais ações são desenvolvidas por docentes das unidades curriculares do curso - Arte e Subjetividade, Gestão de Projeto, História e Pesquisa em Moda, Linguagem Visual, Tecnologia Têxtil e de Confecção.

Consta no PPC, também, a unidade curricular Especial de Extensão que corresponde a 19 créditos, que são 304 horas, ou seja, 10,4% da carga horária total do curso, sendo 13,1% da carga horária obrigatória. A curricularização apresenta potencialidades e limitações que precisam ser refletidas semestralmente. Compete à coordenação desta unidade, em conjunto com o NDE, o estabelecimento de mecanismos de avaliação e autoavaliação que apontem melhorias cabíveis à curricularização da extensão no curso de Design-Moda. Um manual específico trata do assunto, elucidando procedimentos e condutas (UFC, 2022).

Protagonizadas pelos estudantes, as atividades se desenvolvem fora da Universidade, como escolas, instituições de acolhimento de idosos e hansenianos, Museu de Arte da UFC, comunidades que apresentam maior incidência de vulnerabilidade social, e no próprio Instituto de Cultura e Arte (ICA). Como beneficiados, temos desde crianças, adolescentes, jovens, mulheres (em específico) a adultos de modo geral.

Atividades de extensão – Potencialidades de ampliação de saberes na formação do estudante extensionista

O Colcha de Retalhos é um programa de extensão do Curso Design-Moda (ICA-UFC), em parceria com o Conselho Regional de Administração (CRA), a PENA Indústria e Comércio de Confecções Ltda., a Rede de Mulheres Solidárias¹ e o Conselho Cearense dos Direitos da Mulher. As atividades iniciaram em agosto de 2019, com o curso de modelagem, costura e patchwork, no Centro de Referência do Empreendedor do Bom Jardim, da Secretaria de Ação Social da Prefeitura de Fortaleza. Constitui-se em uma ação junto a mulheres em situação de risco e vulnerabilidade socioeconômica e em situação de violência doméstica, cujo objetivo é capacitá-las em atividades que gerem renda e que resgatem a sua autoestima, uma ação de base comunitária tendo em vista o empreendedorismo e a sustentabilidade. O Colcha de Retalhos conta com a participação de estudantes bolsistas remuneradas e voluntárias nas atividades previamente programadas no início de cada semestre, visando a produção de artigos a partir de resíduos têxteis, retalhos que seriam levados para lixões, transformando em produtos de valor agregando conhecimentos de moda, design, sustentabilidade e empreendedorismo social.

Do Centro de Referência, o Colcha passou a realizar suas ações no Movimento Saúde Mental do Bom Jardim, ampliando suas ações para o Instituto Benjamim Dias (IBD) no Henrique Jorge e, mais recentemente, no Instituto Arena, no Parque São Vicente (IAPSV), bairros periféricos de menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) em Fortaleza. Ao longo do tempo, o curso sofreu adaptações para se adequar ao público-alvo sem perder seu propósito com a sustentabilidade e o empreendedorismo.

Por meio do Acordo de Cooperação Técnica celebrado entre a Reitoria da UFC, a Associação de Desenvolvimento dos Municípios do Estado do Ceará (APDM-CE) e o Consórcio de Desenvolvimento da Região Sertão Central Sul (CODESUL), será realizado o Curso Colcha de Retalhos - corte, modelagem e montagem de produto do vestuário, empreendedorismo e sustentabilidade. Neste, as bolsistas se deslocarão a oito municípios e, por estarem distantes da orientação e acompanhamento mais próximo da coordenação, verificou-se a necessidade de aprimoramento nos conhecimentos de modelagem, para que se sintam mais seguras e confiantes diante das turmas futuras. A greve docente, instaurada em abril de 2024, possibilitou uma formação para as estudantes envolvidas, uma vez que não haveria aula na Universidade. O Curso ocorreu de 9 de maio a 14 de

junho de 2024, com carga horária de 30 horas, tendo como participantes quatro bolsistas e uma estudante voluntária. Para maior envolvimento das participantes, utilizou-se metodologia participativa na qual, em reunião com o grupo, ficou definido o conteúdo e os procedimentos referentes a técnicas específicas na modelagem de peças do vestuário feminino ao qual denominamos Oficina de Modelagem Avançada (Figura 1). Foi estabelecida uma tabela de medidas (MIRANDA; OLIVEIRA, 2021⁴) e a sequência do que seria modelado, utilizando Abling e Maggio (2014) e Aldrich (2014). Decidiu-se iniciar pela variação de cada parte das peças, e assim foram modelados decotes, golas, abotoamentos, mangas e *drapes*, considerando texturas, fluidez e densidades de tecidos; avançando nas técnicas, modelos mais elaborados e com maior complexidade, como saias, calças e vestidos.

Os modelos foram obtidos por meio de redes sociais como Instagram e TikTok, selecionados previamente em conjunto com as estudantes. Sob a escala 1:3, a professora coordenadora desenvolvia as modelagens previamente para, no dia do encontro, as bolsistas a desenvolverem, individualmente, a partir da explicação que relacionava modelo, proporção, ergonomia e antropometria. Ao final, discutiam-se processos, procedimentos e dúvidas, sendo, também, selecionados os modelos para o encontro seguinte. Ao final das oficinas, foram realizadas revisão do conteúdo e avaliação coletiva da aprendizagem.

Figura 1 - Oficina de Modelagem Avançada



FONTE: Acervo Colcha de Retalhos, 2024.

Questionadas sobre outras necessidades para serem melhor qualificadas para o seu desenvolvimento nas turmas de aula em que estarão à frente, as bolsistas expressaram a necessidade de oficina de pregamento de zíper e suas variações. Assim, foi solicitado a uma professora ministrar a oficina ‘Zíper - abrindo para a vida’ (Figura 2), na qual foram trabalhadas as técnicas de pregamento de zíper fixo, invisível, destacável e reforçado.

⁴ MIRANDA, M. S. A.; OLIVEIRA, B. A. **Modelagem plana feminina**. Apostila. Curso de Design-Moda. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2021.



Figura 2 - Oficina Zíper - abrindo para a vida



FONTE: Acervo Colcha de Retalhos, 2024.

Nessa oficina, as bolsistas praticaram as variações de pregamento de zíper considerando tipos de abertura e sua localização na peça e diferentes texturas de tecidos. Considerando que um dos objetivos do Programa é que as mulheres atendidas desenvolvam habilidades no desenvolvimento de artigos comercializáveis e gerem renda, foi ministrada a Oficina de Precificação, pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Idade e Família (NEGIF) (Figura 3), tendo em vista que as bolsistas poderão repassar os conhecimentos de cálculo de custo e precificação para as mulheres.

Figura 3 - Oficina de Precificação



FONTE: Acervo do Programa, 2024.

O conteúdo da oficina compreendeu a composição de preço que inclui custos fixos e variáveis, hora trabalhada, mark-up e lucro. Embora as mulheres do Colcha não constituam um grupo solidificado ou organizado formalmente, a abordagem aplicada na Oficina girou em torno dos princípios da economia solidária que incluem autogestão, cooperação, cuidado com o meio ambiente, o ser humano no centro, dentre outros (LAPORTE, 2017), tendo em vista que a ação se encontra em ambiente que poderá tomar esse rumo, uma vez que o empreendedorismo e a independência financeira são objetivos do Programa.

Convém ressaltar que o período de greve docente foi propício à realização das oficinas porque as bolsistas podiam tanto continuar nas atividades do Colcha, quanto nas atividades de formação e estas foram para incrementar a sua atuação junto às mulheres.



Percepção das bolsistas acerca das formações

A realização de oficinas formativas visou aprimorar conhecimentos, habilidades e técnicas das estudantes extensionistas, aproveitando o período em que não tinham aulas letivas, uma vez que a Universidade se encontrava em estado de greve docente. Embora tenha sido uma iniciativa das coordenadoras do programa, em comum acordo com as estudantes, as oficinas abordaram conteúdo do interesse destas. O grupo é formado por quatro bolsistas remuneradas e uma estudante voluntária.

Após a realização das oficinas, buscou-se apreender a percepção das estudantes sobre estas em termos de aproveitamento, aprendizagem e aperfeiçoamento dos conhecimentos. Para tanto, utilizou-se pesquisa qualitativa por meio de questionário e de roda de conversa. Seguindo as recomendações de Nogueira (2002), o questionário, com questões abertas, abordou a importância da Oficina de Modelagem Plana Avançada para as atividades junto às mulheres no Colcha e como a estudante se sente depois desta; se é necessário que a oficina ocorra anualmente para as estudantes envolvidas, e porquê, e comentar e sugerir o que poderia melhorar nesta oficina. Com relação às oficinas de precificação e de pregamento de zíper, descrição detalhada de pontos de melhoria na aprendizagem. O autor ressalta que questões abertas possibilitam respostas mais ricas e variadas e, assim, destacamos colocações das extensionistas sobre a oficina de modelagem:

É importante estudar e exercitar todos os conteúdos a serem ensinados nas aulas do Colcha, executar e testar todas as montagens que serão feitas em aula, visto que o conteúdo não se limita ao conteúdo aprendido no curso de Design-Moda (Estudante 3 - sobre o que é importante saber para repassar para as mulheres). As alunas costumam perguntar sobre tipos de modelagem diferentes ao longo da produção das peças do curso. Então é importante saber explicar a técnica, qual material e como usar e detalhes de caimento (Estudante 1 - sobre a necessidade da realização da oficina de modelagem para as extensionistas). Com toda certeza, é sempre bom reforçar todo tipo de conhecimento que possa ser proveitoso. Adoraria ter mais oficinas de costura e modelagens para conseguir melhorar as aulas (Estudante 5 - sobre a necessidade da realização da oficina de modelagem para as extensionistas no início do ano). Adoraria ter aulas de modelagem com montagem mais avançadas, eu particularmente nunca tinha conseguido entender tão bem como depois da oficina, consegui passar conhecimento de forma muito mais clara, seria muito bom dar continuidade ao conhecimento, sem gerar tantas dúvidas na hora de dar aula (Estudante 5 - sobre o que poderia melhorar na oficina). Creio que as oficinas nos possibilitam revisar as modelagens e aprender novas. E ao repassar para as mulheres, me sinto (*sic*) como se tivesse aprendido mais (Estudante 4 - sobre a importância de ter vivenciado a oficina).

Com relação às oficinas de precificação e de pregamento de zíper, ressaltamos a seguinte percepção das extensionistas:

Sobre a oficina de precificação, foi ótima, pois eu não tinha muito conhecimento sobre esse assunto, somente o básico mesmo, inclusive a oficina irá me ajudar bastante no TCC. Sobre a oficina de zíper: colaborou bastante para o meu aprendizado sobre o assunto, pois fazia muito tempo que eu não pregava um zíper e sempre surgia alguma dúvida. No YouTube tem alguns tutoriais, mas são tantos e de maneiras

diferentes, que ficava sem saber qual seria o mais adequado, então essa oficina foi muito importante (Estudante 2).

A oficina de precificação foi muito importante para que eu entendesse todos os fatores que devem ser analisados ao precificar um produto, e a oficina de zíper foi um bom exercício para relembrar a montagem de braguilha e uma boa oportunidade para montar zíperes que eu ainda não havia montado, como o reforçado e o invisível, além de entender exatamente qual a diferença entre cada tipo de zíper e as suas diferentes finalidades (Estudante 3).

A partir das observações apresentadas, verifica-se a necessidade de formação para que as estudantes se sintam mais seguras diante de situações em que as mulheres atendidas pelo Programa vão perguntar, comparar e solicitar como fazer modelagem e montagem de peças além daquelas ensinadas no curso. Embora as estudantes tenham feito disciplinas de modelagem e montagem, que tenham confeccionado peças, não são suficientes para elas atuarem como facilitadoras em um curso de extensão. As respostas ainda apontam que a costura também é necessária, fazendo a montagem das peças modeladas, além de indicarem que a formação mudou sua postura, pois têm mais tranquilidade e autoconfiança.

No segundo momento, a roda de conversa, pudemos dialogar permitindo maior interação e mais indagações, embora só tenham participado três estudantes. Para Moura e Lima (2014, p. 25), a pesquisa narrativa a partir da roda de conversa “permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos” de modo que foi possível conhecer como as estudantes perceberam as vivências nas oficinas, suas qualidades e deficiências. A dinâmica foi gravada e transcrita pela plataforma virtual *Transcribe*. Dentre várias percepções, ressaltamos as opiniões a seguir apresentadas. Relembrando os primeiros dias do curso na comunidade, verificam-se momentos de tensão e intranquilidade:

Para mim foi um desafio, também por medo de não saber passar o que eu sabia, né? (...) Eu tive realmente medo, fiquei um pouco nervosa, mas a gente ainda está aprendendo, então, a gente tem que saber lidar. Se a gente errar, a gente estuda, né? Para aprender o certo e passar o certo para elas. Então, foi essa palavra, o desafio, para mim, né? Como estar ali com elas. E foi também muito, está sendo proveitoso estar ali com as mulheres, porque é um ambiente muito agradável, né? (Estudante 4).

No começo, a primeira turma, para mim, foi um desafio muito grande, porque eu ainda tenho um pouco, melhorei um pouco, muita vergonha de falar, principalmente quando é para muitas pessoas. Então, eu não sabia como é que eu iria ter uma voz ativa, de certa forma, para passar o conhecimento para elas. E eu tinha na minha cabeça que eu não podia errar, que eu ficava assim: ‘ah, se eu errar, elas vão perder a confiança em mim’. E eu falo para elas que algumas das vezes ficam chateadas quando não conseguem costurar bem, que a costura é uma prática. Então, eu aprendi muito com elas e está sendo muito proveitoso para mim. Eu acho que eu melhorei um pouco, não melhorei, eu mudei como pessoa, ao longo dessas três turmas que eu participei (Estudante 2).

Abordou-se se elas usavam as mídias sociais como apoio e de que modo contribuíram no seu dia a dia:

As minhas maiores dúvidas eram em relação à costura e na primeira turma era principalmente em como passar a linha no overloque, porque eu sabia só o básico, mas eu chegar lá e passar sozinha, eu não sabia. Então, o que me ajudou muito eram os tutoriais no YouTube e até no TikTok. Então, quando eu encontro

alguns vídeos assim de tutorial, eu sempre estou mandando para elas também para que elas possam ficar vendo e algum dia replicar na sala de aula, porque no começo a gente também ensinou a elas como passar, mas a gente sabe que passar só uma vez você não vai já, no outro dia, saber passar tudo de novo (Estudante 2).

Enquanto o material didático adotado para a modelagem é a referência (ABLING; MAGGIO, 2014; ALDRICH, 2014; ARAÚJO; OLIVEIRA, 2021), o uso de tutoriais na internet se mostrou um apoio para as práticas na costura:

Na última turma do Henrique Jorge a gente precisou de um tutorial no YouTube para montar a calça social, porque não tinha as informações na apostila. Aí sempre recorria a um tutorial específico que a gente separou. E até porque hoje em dia eu acho que tem muito material no YouTube que é muito completo. É como uma aula que a gente tem mesmo. Então acho que ajuda muito, é muito claro (Estudante 5). Quando eu fui pesquisar como colocar zíper para mostrar para ela, aparecem vários vídeos. Então, tento pegar aquele que vai ser mais fácil para elas entenderem pois alguns têm tantos passos, que ao longo da costura pode acabar esquecendo e um mínimo detalhe pode mudar toda a costura. Então a gente tenta pegar aquele que é mais fácil para ela, principalmente quem não tem tanto costume de costurar (Estudante 2).

Convém ressaltar que as práticas da oficina foram realizadas com o aporte dos autores, citados anteriormente, para as modelagens desenvolvidas. Quando se trouxe à discussão a realização da oficina de modelagem plana avançada, ficou evidente a sua importância:

Eu acho que é rico para todo mundo, tanto para quem já fez, quanto para quem não fez. Porque acaba sendo como uma aula de... Uma revisão? É, uma revisão. A gente chega lá com mais memórias de como vai ensinar para elas (Estudante 2).

E eu acho que a gente reforçando sempre o conhecimento básico, fica muito mais fácil para passar para elas. Então, independente de ela já ter feito ou não, sempre tem uma dúvida ou outra que a gente tem de melhor quando tem outra aula para reforçar. Então, tanto para quem começa o projeto, eu acho que é essencial ter essas aulas, mas para quem já teve, eu acho que é muito legal realizar de novo também (Estudante 5).

Foi solicitado às extensionistas uma avaliação acerca da oficina. Elas levantaram que, embora tenha sido muito importante, poderia melhorar em alguns pontos, como planejamento e conteúdo:

A de modelagem achei muito esclarecedora, muito rica, muito boa para quem quer revisão, mas o melhor seria a forma, porque eu aprendo muito no visual, com algum apoio, um slide, alguma coisa. Tinha algumas aulas que eram muito na fala, às vezes eu me perdia e para voltar demorava um pouquinho mais (Estudante 2).

Sobre a de modelagem, eu acho que esclareceu muito o conhecimento básico da modelagem que eu tinha. Eu tinha muita dificuldade e deixou tudo mais claro. E eu acho que o que poderia melhorar era, talvez, a gente dividir por módulos, talvez, de cada aula ter uma coisa específica e já direcionar para o que a gente iria aprender. Porque, por exemplo, tinha aulas que a gente teve que, ao longo da aula, a gente ia desenvolvendo as modelagens que a gente pensava, mostrava exemplos para a professora. E eu acho que seria legal a gente, talvez, preparar um... Antes de começar o curso, pensar em modelos diversos para ao longo das oficinas ir fazendo. Então, separar sobre, não sei, uma parte de camisaria. Ter uma aula só sobre camisaria e as variações (Estudante 5).

Segundo Araújo e Santos (2011, p. 9), o processo de construção de modelagem plana não é muito simples, pois é a partir desta que se obtém a consolidação “da ideia no produto”. Conforme as autoras, “tecido, aviamento, estudo das modelagens e pilotagem, nesse processo, se interrelacionam para dar vida ao produto.” Além da modelagem, as extensionistas também relataram que seria necessária uma oficina de montagem:

É sempre um conhecimento básico, mas eu acho que a gente de forma mais geral, eu e as outras vocês, o que a gente mais tem dificuldade é com a montagem. A modelagem foi muito esclarecedora nessa oficina, eu acho que não vai ter uma deficiência (Estudante 5).

Complementando, foi falado, também, sobre um material didático para a montagem, com a sequência de montagem das peças modeladas. Pois seria bom tanto para as extensionistas quanto para as mulheres:

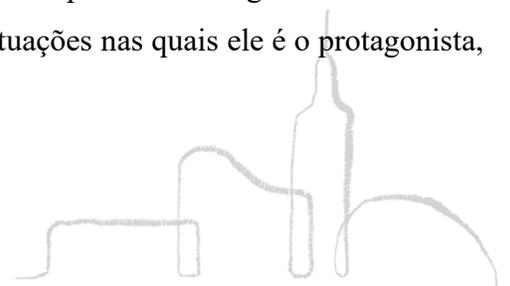
Eu acho que sim, eu acho que seria ótimo. Ter uma sequência operacional, eu acho que seria ótimo pra (*sic*) tanto a gente orientar elas, como pra elas também não se perderem no que elas estão fazendo. E, também, eu acho que a questão de sequência operacional é que tem muitas formas de se montar uma peça e ter uma forma padrão para elas montarem, seria muito mais fácil (Estudante 5).

Considerando que as extensionistas ministram o curso de modelagem, montagem e patchwork, quanto mais elas se qualificarem, melhor será a sua atuação. Vivenciando a oficina de modelagem plana avançada, elas entenderam que uma oficina de montagem seria tão benéfica para o seu desempenho quanto foi a de modelagem, com maior eficiência e eficácia das aulas. É natural e necessário que as alunas requeiram maior conhecimento de maquinário e tipos de costuras, pois tais conhecimentos são fundamentais para que “seja obtido o resultado idealizado na montagem das peças criadas” (ARAÚJO; SANTOS, 2011, p. 9).

Diante do exposto, fica evidente que as oficinas potencializaram o desenvolvimento de habilidades, autonomia, proatividade, solução de problemas, metacognição e autoavaliação (SENAI, 2009).

Considerações Finais

As atividades de extensão em currículo de graduação possibilitam ao estudante vivências em que ele pratica fora da Universidade o seu conhecimento técnico, habilidades e solução de problemas, além de possibilitá-lo experienciar o contato com comunidades externas, em situações adversas que favorecem o seu crescimento humano e pessoal. Com a curricularização da extensão, o estudante tem que cumprir horas obrigatórias ao mesmo tempo que busca ações com as quais ele tem interesse e se identifica em situações nas quais ele é o protagonista, possibilitando novas formas de pensar, ver e viver fora da sala de aula.



O Programa Colcha de Retalhos se configura nesse espaço. Bolsistas vão a comunidades periféricas trabalhando com mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica e em situação de violência e que, no dia a dia, compartilham suas dores, alegrias, conquistas e dificuldades. O ambiente, para além do processo ensino-aprendizagem, permite a troca de emoções e sentimentos, despertando nas mulheres possibilidades de independência financeira com base no empreendedorismo e sustentabilidade. Pelas palavras das estudantes, um projeto transformador para as mulheres e para elas.

No sentido de favorecer mais eficiência e eficácia na atuação das extensionistas e tendo em vista a ampliação de turmas de formação, buscou-se mais qualificação em modelagem. Percebeu-se, também, que poderiam melhorar em outras áreas e, assim, foram oferecidas oficinas de pregamento de zíper e de precificação de produtos. Sob a óptica das bolsistas, verifica-se, dentre outros pontos positivos, que aproveitaram bem as oficinas, e que se sentem mais seguras, tranquilas e autoconfiantes para atender às expectativas das mulheres assistidas pelo programa.

Por fim, verifica-se que atividades de extensão oferecem grandes possibilidades no processo de ensino-aprendizagem e, como educadores, precisamos estar atentos à formação acadêmica e colocar em prática o que agregará ao futuro profissional.

Referências

ABLING, B.; MAGGIO, K. **Moulage, modelagem e desenho: prática integrada**. Porto Alegre: Bookman, 2014.

ALDRICH, W. **Modelagem plana para moda feminina**. Porto Alegre: Bookman, 2014.

ARAÚJO; M. S.; SANTOS, C. M. 2011. Projeto de extensão parceria UFPI/SEMDEC: espaço de mediação da práxis docente. In: 8º COLÓQUIO DE MODA. 5ª EDIÇÃO INTERNACIONAL, 2012, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://coloquiomoda.com.br/anais/8-coloquio-de-moda-gt05_comunicacao-oral.php>. Acesso em: 29 maio 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Disponível em: <https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN72018.pdf> Acesso em 15 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Despachos de 24 de dezembro de 2020. **Homologação do Parecer CNE/CES nº 498/2020, da Câmara de Educação Superior (CES), do Conselho Nacional de Educação (CNE)**. Diário Oficial [da] União: edição 247, Seção 1, p. 168. Brasília, DF, 24 dez. 2020. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2020-pdf/157501-pces498-20/file>> Acesso em: 25 ago. 2024.

DUBURG, A. **Moulage**: arte e técnica no design de moda. Porto Alegre: Bookman, 2012.

FORPROEX. FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Relatório final. Mapeamento da inserção da extensão nos currículos dos cursos de graduação das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. Brasília: FORPROEX, 2019.

JONES, S. J. **Fashion design**. Manual do estilista. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

LAPORTE, A. L. **Encantar a vida com as finanças solidárias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

MOURA; A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. In: **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rteo/issue/view/1413>> Acesso em: 20 jun. 2024.

NAVALON, E. **Design de moda**: interconexão metodológica. Dissertação (Mestrado em Design) – São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2008.

NOGUEIRA, R. **Elaboração e análise de questionários**: uma revisão da literatura básica e a aplicação dos conceitos a um caso real. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPEAD, 2002.

OLIVEIRA, L. V. Curricularização” da extensão universitária: prospecção de impactos para sua implementação no ensino superior brasileiro. In: **Revista Cocar**. v. 18. n. 36, 2023. p. 1-20. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar>>. Acesso em: 23 ago./2024.

PEREIRA, N. F. F.; VITORINI, R. A. S. Curricularização da extensão: desafio da educação superior In: **Interfaces. Revista de Extensão da UFMG**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 1-591, jan./jun. 2019.

PEZZOLO, D. B. **Tecidos**: história, tramas, tipos e usos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

SABRÁ, F. **Modelagem**: tecnologia em produção de vestuário. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: SENAI CETIQT; São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

SANCHES, R. A. **Procedimento para o desenvolvimento de tecido de malha a partir de planejamento de experimento**. 2006. 221 f. Tese (Doutorado em Engenharia Mecânica) – Faculdade de Engenharia Mecânica, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SENAI. **Metodologia SENAI para a formação profissional com base em competências**: norteador da prática pedagógica. Brasília: SENAI/ DN, 2009.

TREPTOW, D. **Inventando moda**: planejamento de coleções. 4. ed. Brusque: D. Treptow, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Regimento Geral**. Fortaleza, agosto, 2019. Disponível em: <https://sei.ufc.br/sip/login.php?sigla_orgao_sistema=UFC&sigla_sistema=SEI> Acesso em 20 ago. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Projeto Pedagógico do Curso de Design-Moda**. Fortaleza, 2022. Disponível em: https://www.si3.ufc.br/sigaa/public/curso/ppp.jsf?lc=pt_BR&id=657525 Acesso em 29 ago. 2024.